

Como pode o encontro entre um sujeito que fala e outro que escuta - sem mediação de substâncias químicas, sem ação motora e sem contato físico - transformar o destino do primeiro? A análise propõe-se a uma operação cirúrgica na experiência de tempo e de memória daquele que a procura. Há um corpo estranho que habita este sujeito, origem de seu sofrimento mas também baú dos mais secretos tesouros de piratas - muitas vezes desconhecido e tantas outras desperdiçado -: o infantil. Não se trata de extirpá-lo, mas de poder abri-lo para o tempo atual; os "novos aventureiros" têm diante de si um território a explorar, e a promessa de "inspiração e desilusão" (p. 169-170). Que "técnica" possibilita esta operação? Quais são os instrumentos utilizados? Qual a natureza do "aparelho" psíquico que a um só tempo impede e possibilita a transformação? Este livro de Bernardo Tanis nos traz subsídios importantes e uma rica discussão sobre estas questões, já que busca compreender quais os fatores que propiciam uma "transformação em relação ao infantil" e, com ela, o enigma do poder da palavra que faz história.

A história se escreve, como podemos depreender da leitura, por um interjogo de memórias e tempos que se concebem e recriam reciprocamente. Um dos méritos do livro é a abordagem sempre em paralelo da história do sujeito e da possibilidade de sua re-escrita no processo analítico. Sem cair na posição sim-

Transformação em relação ao infantil

Resenha de Bernardo Tanis, *Memória e temporalidade: sobre o infantil em psicanálise*, São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, 1995, 179p.

plista que nega que "algo está dado" - já que há um passado -, o problema interessante que se apresenta é como este dado se desenrola quando a sorte novamente é lançada no presente da situação transferencial. Nele se dá o encontro de duas histórias - uma singular, a do analisando, conhecida a partir da versão que seu Eu relata, e uma universal, a metapsicologia construída e adotada pelo analista -, e, a partir deste encontro, a aposta na construção de uma terceira história¹. Aqui podemos retomar a instigante epígrafe de Calvino com a qual Tanis nos prepara para a leitura, em que se coloca a seguinte pergunta: o que sustenta a ponte, as pedras ou a curva do arco que elas formam? As duas histórias dadas são como as duas margens do rio: está dado que, por sua própria natureza, nunca se encontram. O enigma da análise é o da construção desta ponte, encontro virtual, terceira margem cujo substrato é ao mesmo tempo tão imaterial e tão real.

O autor assume claramente uma posição em defesa da perspectiva histórica em psicanálise. Mas, em psicanálise, o histórico tem um sentido específico, e é ele que o trabalho busca explicitar: trata-se de um lugar intermediário entre um evolucionismo simplis-

explicitam os problemas discutidos; não se trata de uma escolha casual, e sim de incluir-se em uma perspectiva freudiana que busca "indagar a relação entre os modelos e a experiência" (p. 36).

A sequência dos capítulos segue uma ordem ao mesmo tempo cronológica e temática. Após as primeiras páginas, dedicadas à apresentação das questões que serão trabalhadas, o autor aborda o problema da memória: parte do papel da "lembrança patógena" na etiologia das neuroses nos primórdios da psicanálise, segue pelo "desejo que subverte a lembrança" com a revisão do modelo do traumatismo, e termina com uma discussão sobre a metáfora geológica de Freud em conexão com o problema da regressão. O tema seguinte é o da fantasia, introduzida na conceitualização freudiana pela mesma fenda aberta entre trauma e sintoma com o surgimento do desejo, e que é aqui discutida a partir de diversos ângulos: seu pertencimento ao âmbito da realidade psíquica em contraste com o da realidade material, o conceito sempre enigmático de fantasia originária, a hipertrofia e distorção deste operador clínico pelo kleinianismo, entre outros; estes diversos aspectos convergem para o problema da dicotomia fantasia-evento e para a compreensão do caráter híbrido da fantasia, dada a sua irredutibilidade, por um lado; à pulsão e, por outro, à experiência com o ambiente e o outro. O capítulo dedicado à transferência é o eixo central e o organizador do livro: se a própria definição clássica de transferência no tratamento analítico traz em si uma referência ao infantil, os desenvolvimentos que se seguiram, com a ênfase na repetição e, em especial, no aspecto com-

ta - próprio do paradigma amnésico, ou presente ainda em algumas pesquisas interacionistas da relação mãe-bebê - e o abandono da historicidade, expresso por uma tendência de exorcizar a bruxa-metapsicologia em nome de uma "fada pós-moderna". Assim, partindo de uma causalidade não-linear, busca-se reconhecer o que se repete, conserva ou transfere do passado ao presente - por uma determinação do infantil -, mas também conhecer, compreender e promover aquilo que se transforma, rearranja e irrompe na cena atual. A transferência, enquanto interface destes dois movimentos, torna-se um objeto privilegiado de atenção.

Coerentemente com esta posição, o método de trabalho adotado é também histórico: Tanis busca acompanhar, especialmente no desenvolvimento das idéias de Freud mas apoiando-se também em autores pós-freudianos, as sucessivas transformações - incluindo as suas contradições, recuos e avanços - de alguns conceitos-chave para o tema em foco. O tecido do texto é entremeado com fragmentos clínicos que enriquecem e

pulsivo da mesma, conduziram a novas configurações e problemas, tais como o retorno do modelo do traumatismo na conceitualização psicanalítica. Os dois últimos capítulos, nos quais encontramos uma sedimentação do pensamento do autor, dedicam-se, por fim, a destacar a importância do trabalho de luto como modelo para a constituição da experiência subjetiva de tempo e para a "historização da própria vida", e a retribuição do papel das construções em análise a partir do até então desenvolvido.

Apenas com esta rápida visão panorâmica, vê-se como é rica a gama de problemas tratados e como estes encontram-se entrelaçados de maneira rigorosamente articulada. A ponte que une "lembança patógena" e "construções em análise" é o arco do tempo que Freud percorreu ao longo de toda a sua trajetória; a longa distância percorrida não impede, no entanto, que a última nos "lembra" a primeira, já que em um momento posterior da história se encontram sempre as marcas do infantil que o precedeu. Assim que assistimos, surpresos, o retorno do modelo do traumatismo na maturidade de Freud, ou, com o destaque dado ao "fragmento de verdade" contido em todo delírio - em última instância, também uma construção -, a resignificação da máxima dos *Estudos sobre a histeria*: os psicóticos também sofrem de reminiscências... E, como ressalta Tanis com veemência, a abordagem deste infantil nunca é direta ou pura; daí a impossibilidade de acreditar, em psicanálise, que nós simplesmente lemos, sem mediação alguma, o que Freud escreveu. O que observamos, en-

tão, é como a própria estrutura do texto reflete, expressa e ilustra exemplarmente o tema tratado e as concepções do autor. Isto é, sem dúvida, sinal da integração entre autor e obra, pensador e pensamento, ou, nas palavras do mesmo, há certamente aqui um isomorfismo entre "a dimensão clínico-interpretativa e os modelos teóricos que o analista utiliza para tornar comunicável e socializar sua experiência" (p. 23).

Destacarei em seguida algumas passagens do livro que constituem, a meu ver, momentos expressivos do conjunto do texto.

Ao dedicar-se ao estudo do conceito de memória, Tanis retoma uma instigante carta de Freud de 06.12.96 na qual uma tentativa de explicação do mecanismo do recalçamento conduz à hipótese de um infantil "anacronicamente instalado no psiquismo e sua dificuldade de assimilação" (p. 46); aqui podemos observar a criação de um modelo teórico que visa compreender o mecanismo essencial que caracteriza a neurose. Trabalhando, mais adiante, com um modelo mais acabado da etiologia da neurose, Tanis discute o papel da regressão neste processo através de um feliz exemplo. Um menino passa a conviver com o pai ausente somente a partir dos sete anos, e então começa a apresentar o sintoma de evacuar apenas na sua presença. A regressão desencadeada com esta presença conduz a um verdadeiro *fort/da* anal com o pai, expressão de uma intensa ambivalência: "por um lado, a tentativa de aproximação, o medo de perdê-lo novamente; por outro, a raiva, o ressentimento, a não-compreensão da sua própria origem. O sintoma de P. pode ser compreendido

como uma tentativa de controlar aquilo que foi vivido passivamente" (p. 66). Este pequeno menino "dos ratos" e "do carretel" contemporâneo nos revela algo próprio da memória segundo um novo paradigma: o que deveria ser recordado é da ordem de um não acontecido (a presença do pai), daí a tendência regressiva e a expressão através de um ato. A equação pai=fezes, análoga à mãe=carretel, denota uma deficiência de simbolização determinada por um buraco na memória. Ao mesmo tempo, a ambivalência com o objeto própria da organização sádico-anal é o material de memória infantil talvez mais indicado para ocupar este lugar vazio, atraindo regressivamente o conflito desencadeante da neurose. Tanis insiste na importância de falarmos, ainda em um caso como este, em memória, e é justamente aqui que observamos a construção de um significado específico para este termo em psicanálise; é neste mesmo sentido que, ao comentar *Construções em análise* e algumas observações de Videman, propõe que não se confunda a dificuldade de escrever uma história com a construção de um mito (p. 150).

O tema da fantasia também ganha expressão em um feliz exemplo: a situação paradigmática do nascimento do irmão. Não é esta, afinal, a antecâmara através da qual Freud nos conduz para apresentar-nos o Complexo de Édipo em *A interpretação dos sonhos*? Nesta situação observamos a natureza híbrida da fantasia, por um lado referida à pulsão e por outro à linguagem; o autor

mantém-se firme no propósito de sustentar a tensão desta dupla posição, sem deixar-se acomodar na facilidade de escolher um dos pontos de vista. A universalidade da situação não deve obscurecer a escuta singular: no caso comentado, de Dolto, a fala materna - "você é mau, ele é tão pequenininho... é feio ser ciumento, isso aborrece a mamãe" - reforçava os sentimentos persecutórios da criança e ajudava a construir, de maneira complementar às suas vivências edípicas, uma fantasia de perda insuportável. Tanis aponta, assim, a impossibilidade de dissociar fantasia de evento: "o evento (nascimento de um irmão) ganha força na trama fantasmática que em torno dele se constitui, trama que só pode se constituir em relação ao vivido pelo sujeito como filho único investido pelo desejo materno" (p. 83). O Complexo de Édipo não deve, portanto, ser reduzido nem ao seu aspecto estrutural e nem ao seu aspecto histórico.

A transferência é o elemento que melhor permite articular infantil, memória e temporalidade. Aqui se dá um salto fundamental no percurso do texto, já que o autor deixa de investigar apenas o que a psicanálise revela - o que no processo analítico se observa - para compreender o que ela faz, ou melhor, o que nele se faz. O princípio da repetição - eixo a partir do qual é trabalhada a noção de transferên-

cia - permite a atualização do infantil; mas a intervenção analítica traz em si a possibilidade de "um rearranjo da situação transferencial e o início de um trabalho de simbolização" (p. 108). Os fragmentos resultantes do impulso destrutivos - conforme Tanis apresenta em um exemplo clínico de análise de uma criança - podem ser remontados, tornando-se o analisando "bricoleur de sua própria subjetividade" (p. 109). O conceito de reparação de M. Klein seria insuficiente para compreender a totalidade do fenômeno. Na transferência, o analista não é exterior à situação; ele é incluído no circuito pulsional do paciente, daí a possibilidade de um diferencial em relação à repetição através da interpretação eficaz, que não é mera explicação mas que tem valor performativo. A situação analítica traz em si, portanto, a potencialidade de uma *transformação em relação ao infantil*.

A retomada da teoria do trauma por Freud a partir de 1920, especialmente com a proposição de uma compulsão à repetição, é o objeto de interessantes reflexões no final do capítulo dedicado à transferência. Estas modificações tardias são, para Tanis, importantes por permitirem avanços em termos de uma compreensão que enfatize cada vez mais o papel da intersubjetividade em psicanálise. Dada a situação de desamparo do bebê recém-nascido, o outro ganha uma relevância primordial; "assim como o outro é necessário para a narcisização da criança, também o é para a constituição das primeiras identificações; a relação carrega também um potencial patogênico nada desprezível" (p. 124). A questão que aqui poderia ser levantada é: como se daria a trans-

formação em relação ao infantil nas situações clínicas ligadas a um traumático que resiste à significação, como aquelas em que predominam manifestações de "angústias inomináveis" (Green)? Seria necessário repensarmos o conceito de infantil a partir do reconhecimento de um campo da clínica localizado além do princípio do prazer?

A repetição é a expressão de um tempo que não passa, ou de um infantil que não pode ser lembrado para tornar-se passado. O processo analítico, para o autor, "não é a recuperação de uma lembrança passada, mas a possibilidade deste infantil se constituir como memória do sujeito" (p. 134). A sua finalidade é "reestabelecer a função metafórica da linguagem", e assim promover a circulação entre tempos estanques em um sujeito aprisionado por códigos estereotipados. Ora, ascender ao novo só é possível, segundo Tanis, a partir da diminuição da onipotência pela elaboração da oscilação sempre renovada entre a ausência e a presença do objeto: é o reconhecimento da perda pelo trabalho de luto que permite "a instalação no sujeito do reconhecimento da irreversibilidade do tempo, condição necessária para conceber um futuro" (p. 139). Esta correlação entre o trabalho de luto e o trabalho da análise é, a meu ver, uma das grandes contribuições trazidas pelo presente livro.

Se as duas margens do rio nunca se encontram, como construir uma ponte a partir do trabalho de luto da perda estrutural implicada na alteridade? Terceira história, transformação em relação ao infantil, diferencial em relação à repetição: estas são as apostas da análise. O menino-personagem de Guimarães Rosa de *A terceira margem do rio*, cujo pai partiu em uma navegação sem porto, está preso em uma atemporalidade semelhante à do menino do *fort-da* anal: aquela da viagem sem descanso dos desterrados, ou a condenação própria da impossibilidade do luto. "Temos que enterrar os mortos para poder estar com os vivos" (p. 140). O tempo pode fluir a partir de uma memória que descansa em paz. Creio que a magia da palavra - "asa da palavra"² - cumpre aqui um papel fundamental; pedra sobre pedra, é ainda ela que sustenta o arco da transferência. Retomando o trabalho de Fédida, Tanis reconhece na construção a essência do trabalho de linguagem, e no "movimento teorizante forjado no cenário transferencial" o ponto nodal em que "o infantil se torna linguagem" (p. 155). O fazer analítico permanecerá vivo - porque inacabado - enquanto houver alguém que acrescenta uma palavra, e enquanto não chegue aquele que coloque a última pedra. A metáfora geológica retomada nos dias de hoje nos lembra, ironicamente, dos riscos fossilizantes de uma ação dominada pela repetição conservativa.

O infantil é, sem dúvida, um dos conceitos-chave da psicanálise; através dele pode-se dar um fecundo encontro entre metapsicologia e clínica. Bernardo Tanis propõe, no final do seu trabalho, que este conceito seja tomado como um ordenador conceitual que permita a abertura de um diálogo fecundo entre as diferentes escolas em psicanálise. Trata-se, certamente, de uma proposta bem-vinda; este livro já é, por si só, a expressão deste diálogo, já que o autor parte do pensamento freudiano e procura apontar os seus desenvolvimentos em diversas direções, buscando uma integração que não seja ecletismo, e mantendo uma visão crítica sobre as distorções e excessos da era pós-freudiana.

Decio Gurfinkel é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

NOTAS

1. Aqui o autor se apóia em proposta de Piera Aulagnier; cf. p. 153-154.
2. "Ouvi ouvi ouvi
A voz das águas
Asa da palavra
Asa parada agora
Casa da palavra
Onde o silêncio mora
(...)
Hora da palavra
Quando não se diz nada
Fora da palavra
Quando mais dentro aflora..."
[*A terceira margem do rio*, canção de Caetano Veloso (letra) e Milton Nascimento (música) que faz alusão ao conto homônimo de Guimarães Rosa, gravada em CD por Veloso, *Circuladô*, Polygram, 1991.]